

ANTÓNIO BOTTO: Abismos da carne, fadigas do coração

Madalena Vaz Pinto

*Quero andar
Ao sabor do meu instinto
Cultivado na desgraça
(...)
Para morrer,
Qualquer lugar,
Qualquer corpo,
E qualquer boca me serve*

António Botto

No es el amor quien muere, sino nosotros mismos

Luis Cernuda

*A sua arte é um desafio na mesma
medida em que a sua existência o é:
poético e físico, estético e político.*

Fernando Cabral Martins

Poeta mas homossexual ou homossexual mas poeta? A questão da homossexualidade de António Botto suscitou críticas e defesas que confundiram a personagem pública e o artista, ao se concentrarem na moralidade ou imoralidade de sua conduta, colocando em segundo plano uma análise de sua poesia segundo critérios literários. Esse “desvio”, no entanto, renderia frutos à popularidade do poeta já que, a par de uma forma estilística de fácil assimilação e marcada sono-

ridade, tinha a seu favor o ingrediente da “polêmica.” Botto conseguiu deste modo a façanha de ter sido simultaneamente perseguido e popular.

De origem humilde, António Botto foi o que se pode chamar um autodidata. Empregado numa livraria em Lisboa, aí inicia os seus contatos com o meio literário da capital, o qual terá legitimado as primeiras incursões poéticas ocorridas nos anos 20. Após essa fase, a que corresponde a primeira edição d’*As Canções* de tradição sobretudo simbolista, Jorge de Sena considera outras duas: a “mais pessoal e original” nos anos 30 — das *Canções* até à *Vida que te dei* e *Sonetos* incluindo os contos infantis, a novela dramática *António* e a peça *Alfama*; a última fase, dos anos 40 e 50, francamente inferior à que a antecedeu. Ainda segundo Sena, a instabilidade emocional de que sofria Botto, agravada com o decorrer do tempo, refletir-se-á no desejo obsessivo de reconhecimento, desviando-o da sensibilidade agudíssima que indubitavelmente possuía. As sucessivas correções que fazia dos seus versos (sempre para pior, segundo a unanimidade dos críticos), e os elogios que “fabricava” nas marginais de seus livros, são algumas provas disso.

Se analisarmos a poesia de António Botto no sentido de adesão aos cânones modernistas — vontade de um expressão condizente com as mudanças econômico-tecnológicas da sociedade industrial e, particularmente no caso de Portugal, desejo de ascensão ao “espírito da Europa” — o poeta dificilmente caberá na designação. Porém, se analisarmos a sua obra sob a ótica de quebra com a tradição da lírica portuguesa, Botto tem um lugar de destaque como modernizador do lirismo português, pela ousadia do tema, medida variável, rima flutuante, além de uma grande força expressiva que o método dialogante dos seus versos faz ressaltar.

A poesia de António Botto passou à margem das crises da modernidade, como se sabe introduzida em Portugal principalmente através da ação das duas gerações que apresentaram uma proposta de modernização ao país: a *Geração de 70* e a *Geração de 15*. É bastante interessante refletir nos efeitos do “escândalo” Botto à luz do terremoto provocado pelos de *Orpheu*: invenção de uma linguagem nova, impossibilidade de recepção imediata, suicídios, loucura. O que mais podia agitar o lepidóptero português? Assim se entende que, apesar de protestos e apreensões, o “caso” Botto tivesse sido facilmente digerido, já que se exprimia numa linearidade de linguagem que restaurava as fendas abertas pelos de *Orpheu*. Como escreve Fernando Cabral Martins:

*A poesia de Botto é água transparente onde os outros destilam seus álcoois, é um passeio embalado pelos bairros da noite onde os outros nos proíbem um passo no abismo ou a dobra alucinada do mundo.*¹

No entanto, se a sua poesia pode ser considerada transparente — comparada aos abismos experimentados pela *Geração de 15* — agitava-a outro tipo de turbulência, provocada pelos conflitos entre o desejo e os caminhos tortuosos

para o saciar. Todavia, não vislumbramos no percurso do poeta a vontade de amenizar tal situação, sendo justamente o fato de estarem impregnados de “morte”, o que os levaria a ser “cantados.” Não se insere afinal este destino na tradição da lírica ocidental? Recordem-se a esse propósito as palavras de Denis de Rougemont em *O amor e o Ocidente*:

*Amor e morte, amor mortal: se não é toda a poesia é, pelo menos, tudo o que há de popular, tudo o que há de universalmente comovente em nossas literaturas, e nas nossas mais antigas lendas, e nas nossas mais belas canções. O amor feliz não tem história. Só existem romances de amor mortal, isto é, do amor ameaçado e condenado pela própria vida. O que exalta o lirismo ocidental não é o prazer dos sentidos nem a paz fecunda do casal. É menos o amor realizado que a paixão do amor. E paixão significa sofrimento. Eis o facto fundamental.*²

Acrescente-se a este pano de fundo as particularidades da cultura portuguesa: dificuldade extrema em vivenciar o amor incluindo nele o desejo — resultado de uma religiosidade castradora que a Contra Reforma se encarregaria de acirrar — e a conseqüente sacralização da saudade: saudade do que não foi, entendida-se. Como resultado, temos um país de poetas onde as maçãs do desejo permaneceram intocadas ou tocadas sob o signo do pecado.

O amor paixão vive dos interditos, situação que a progressiva liberação de valores foi alterando. Nomeadamente na poesia portuguesa, desde meados do século e sobretudo na produção contemporânea, é possível detectar diversas poéticas onde o corpo tem morada: Jorge de Sena, João Miguel Fernandes Jorge, Al Berto, Fátima Maldonado, para citar alguns. Imagine-se agora como a sociedade dos anos 20, que vivia sobre muitos aspectos ainda no oitocentos, reagiu a um poeta que não só “cantava” o amor sensual,

*Quero entregar-me, —
Sentir
Outro corpo que pretenda
Insinuar-se,
— Vibrar!*³

como assumia suas preferências homossexuais,

*Adoro estes braços
São braços de homem viril, os teus braços
Que me apertam
Frementes e sacudidos
Pelo impulso mortal
Da nossa sensualidade*⁴

de forma ainda mais evidente pela oposição,

*E aqueles corpos
De gentilíssimo talhe
E sóbria musculatura
— carne divina
Sem a mácula do abraço feminino
Que a torna
Doente, sacrificada —
Arrancam ! — e lá vão abrindo sulcos
Na areia fina e molhada.* ⁵

Joaquim Manuel Magalhães defende que em se tratando do homo-erotismo, essas mudanças são, na sociedade portuguesa, bastante ténues, razão pela qual a poesia de Botto ainda vale como “caso de resistência sexual”:

Em Portugal, vale ainda hoje como resistência sexual a poesia de Botto. A coragem gramatical do género do enviado formula um desafio aos códigos esmagadores da moral maioritária, ao surgir numa colectividade mental-enquisitada, quando enfrenta essa questão, na ideia do “desvio patológico”, da culpa ou, na mais branda das suas supressões, da “doença.” Essa mesma coragem, todavia, não pode deixar de assumir-se sob o tom da mágoa. Quase no final do livro, no poema 30 de “Toda a vida”, a inescapabilidade da melancolia é conscientemente afirmada por quem é feito sofrer a sua verdade: “A tristeza é o mais legítimo / Tom da minha poesia” ⁶

Não discordando, pensamos que a melancolia tem raízes mais profundas no que poderíamos chamar de percepção do “desconcerto do mundo” que na poesia de Botto, em momento já de afirmação da subjetividade, se converte em desconcerto da alma, levando-o a tematizar a fragilidade intrínseca à condição humana. Na obra *Cartas que me foram devolvidas*, pequenos textos de prosa poética, o poeta aborda esse aspecto de forma evidente,

É que o conflito da minha sensibilidade é o conflito doloroso de todos os homens.; O mundo é um disparate / Em que os homens são cativos ; De um vício ou de um amor, ninguém sai facilmente. Dizer humanidade é dizer debilidade. ⁷

Apesar de cruamente abordada, a temática da homossexualidade não nos parece abarcar de forma absoluta a poesia de Botto. Na verdade, a sua originalidade reside no fato de quebrar com o que Jorge de Sena chamou “eunucidade de nossa tradição poética”, ou seja, o tradicional desinteresse pelo sexo na poesia portuguesa, mais facilmente detectável na já citada obra *Cartas que me foram devolvidas*:

*A vida tem várias raízes e todas elas profundas no movimento sexual, 8
ou mais dramaticamente: Agora é que eu compreendo que o sombrio
declínio do amor físico pode levar-nos ao crime. Sim! E o resto é com a
cadeia, com a justiça, com esses que vão julgar os impulsos de um misté-
rio que se perde nas origens da própria existência.9*

Dos autores que aproximadamente pela mesma época quebraram com essa tradição, — Cesário Verde, Florbela Espanca, Sá Carneiro, — convém ressaltar algumas diferenças. Em Cesário a observação só de leve introduz a subjetividade do poeta, retirando deste modo muita da expressividade no tratamento do tema; em Sá Carneiro e Florbela, por outro lado, a excessiva carga sentimental cria uma ambigüidade que retira muito da força da abordagem direta, característica marcante na poesia de António Botto.

A par da reconhecida originalidade, a poesia bottiana é extremamente oscilante: se por vezes temos a sensação, como escreve Eugénio de Andrade, que o poeta “tocava de leve nas coisas”, isto é, ficava na superfície das emoções que descrevia, outras vezes, ao contrário, sentimos que é capaz de arriscadas descidas às profundezas da alma,

*Explica-me tu se podes
Num movimento de calma,
Porque razão
— se te beijo num desvairo de prazer
Às vezes sou todo corpo
E às vezes sou toda alma? 10*

É capaz também, em muitos momentos, duma poesia extremamente amorosa, onde erotismo, sensualidade e sexualidade se tornam aspectos secundários

*Envolve-me amorosamente
Na cadeia dos teus braços
Como naquela tardinha...
Não tardes, amor ausente;
Tem pena da minha mágoa,
Vida minha! 11*

Sabemos desde Freud que o contrário do amor não é o ódio mas a indiferença. A poesia de António Botto pode ser lida como uma tentativa de escapar desse “perigo maior”, embora o poeta soubesse *a priori* tratar-se de uma luta inglória. Ao escrever: “No amor, há um que ama e outro que se deixa amar”¹², Botto permite-nos antever a capacidade analítica com que abordou o processo amoroso, tocando em temas tão delicados como o amor não correspondido, a incoerência do desejo, a decadência do corpo, o ciúme,

(...)
*aproximei o meu vulto
Daquele formoso espelho
De marfim e de cristal.
Um cadáver enfeitado —
E não
Aquele corpo de jovem,
Harmonioso, delgado,
Que tantas vezes beijaste!*

*Mais nostálgico, mais triste,
Fiquei-me a chorar
E a cismar, pálido, absorto
Na sombra
dessa ilusão que perdi.
Inda bem que me enganaste
E não voltaste!
Não venhas, meu amor,
— Eu já morri.¹³*

*O que me causa desgosto,
Acredita,
É ver
Que raramente chegamos a um acordo
Quando falamos de qualquer coisa
Que nos prendeu a atenção.
Lá fulgura teu mole sorriso
Que parece dizer-me:
— Se os nossos corpos se entendem
Nada mais nos é preciso.¹⁴*

*Quanto te quero ? — nunca sei dizer:
Um grande amor só se avalia bem
Depois de se perder.¹⁵*

Como sabemos, uma das questões mais polêmicas relativamente à poesia bottiana diz respeito ao lugar que o poeta reservava à estética e que teve como ponto alto a publicação do artigo de Fernando Pessoa, *António Botto e o ideal estético em Portugal*,

*Duas idéias centrais governam a inspiração do poeta, e lhe servem de metafísica e de moral. São as idéias de beleza física e de prazer.
(...) Canções é um hino ao prazer, porém não ao prazer como alegria, nem como raiva, senão simplesmente como prazer.¹⁶*

Relativamente à beleza, — recorde-se que esteta é aquele que ama a beleza acima de todas as coisas — parece-nos que a definição não abarca a complexidade da poesia bottiana que se, em alguns momentos, pode surgir como um “hino à beleza e ao prazer”, uma análise mais profunda faz descobrir *nuances* que invalidam a etiqueta,

*a beleza
sempre foi
um motivo secundário
no corpo que nós amamos;
a beleza não existe,
e quando existe não dura
a beleza —
não é mais do que o desejo
fremente que nos sacode...
— o resto, é literatura.¹⁷*

Em relação ao prazer, o que temos vindo até aqui a desenvolver caminha em outra direção, pois defendemos que subjacente à temática erótico-amorosa o poeta parece concluir que o prazer se paga em dor ou, remetendo a Denis de Rougemont, “o amor feliz não tem história.”

Há quem se indague sobre o “porquê” de Pessoa não ter incluído Botto em seu ensaio *A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada*. A nós parece-nos evidente que a poesia de Botto não podia ser incluída em qualquer dos nacionalismos designados por Pessoa que, com sabemos, pretendia justificar o “nacionalismo sintético” de *Orpheu*. Apesar de separados por concepções poéticas radicalmente distintas, nada impediu que estabelecessem entre si uma relação próxima, fundada, nos parece, na “atração dos opostos.”

O entendimento e mútua admiração entre os dois poetas ultrapassou os limites da simples amizade, com manifestações públicas de Pessoa em defesa de Botto, além da versão para o inglês de seus versos; um poema de Botto pela ocasião da morte de Pessoa, e a *Antologia dos Poetas Modernos Portugueses* que elaboraram em conjunto. É curioso pensar no efeito exercido pelo tempo em suas obras: enquanto Pessoa morreu praticamente desconhecido do grande público, Botto adquiriu em vida uma notória popularidade, situação que se foi invertendo sendo hoje Pessoa referência obrigatória na poesia portuguesa, enquanto Botto é tratado como poeta menor.

Alguns críticos da obra bottiana discordaram de Pessoa, entre eles José Régio, que embora admita que “o esteta pode interessar-se pela beleza contida numa idéia ou sentimento, desinteressando-se de sua utilidade ou verdade”, afirma,

Botto é um esteta sensualista porque se interessa pela “beleza que o vulgo chama exterior” embora não fique só nisto pois “a delicadeza, a força, a complexidade e o afinamento de sua sensibilidade aliam-se ao dom de sentir a

*forma como alma.” (...) não é um puro esteta porque não se contenta com a simples contemplação da beleza.*¹⁸

e Joaquim Manuel Magalhães,

*Se considerarmos António Botto (...) meramente como “esteta”, ele pode surgir como uma figura ridícula e uma escrita medíocre. Contudo, se o considerarmos como tematizador de uma realidade sexual e como organizador de uma difícil linearidade verbal, surge como uma das mais interessantes obras poéticas da primeira metade do séc. XX português.*¹⁹

É bem verdade que o próprio Botto, pela característica oscilante a que nos referimos anteriormente, contribuiu para essas diferentes leituras,

*Busco a beleza na forma
E jamais
Na beleza da intenção
A beleza que perdura*²⁰

*Gosto de ti porque és belo!
Chamas-me doido? — bem sei
Não és tu mais doido ainda
Porque me levas sorrindo
Para os abismos da carne
Onde me perco e onde sofro
A morte do meu pudor...*²¹

António Botto foi também ficcionista, cronista, crítico e dramaturgo. No primeiro dos gêneros chamamos a atenção para *O Livro das Crianças*²², contos de uma beleza e simplicidade apaixonantes. De fundo moralizante, as estórias jamais abrem mão da magia, ingrediente que ao fascinar introduz de forma delicada princípios éticos. Como dramaturgo, ressaltamos a peça *Alfama*, em que o autor se mostra incrivelmente habilidoso quanto à capacidade de captar com exatidão as falas populares, imprimindo à peça uma verossimilhança surpreendente. Nos artigos que escreveu, para jornais portugueses e brasileiros, abordou diversos temas, desde a crônica mundana até à crítica literária (*Ulisses*, de James Joyce) e cinematográfica, em que vale destacar o artigo sobre o filme de Manuel de Oliveira *Aniki-Bóbó*, tendo sido Botto um dos poucos a elogiá-lo: “este filme dá o encanto das coisas despretensiosas e belas no seu arrumo de simplicidade emotiva (...). Um artista muito artista, este Manuel de Oliveira.”²³

Em 1947, fugindo dos ventos lusos que não lhe sopravam favoravelmente, António Botto decidiu trocar Portugal pelo Brasil, julgando talvez poder recuperar os tempos áureos outrora vividos em Lisboa. Mas o destino não quis assim. Embora tivesse sido acolhido pelos meios literários brasileiros, sua vida no Rio

de Janeiro não foi fácil e o país do prazer reservou-lhe, ironicamente, uma morte trágica. Carlos Drummond de Andrade, no *Correio da Manhã* dedicou-lhe a bela crônica *Botto: Um príncipe do mundo*:

*Não me interessa discutir se o Boto dos poemas finais valia ou não o Boto triunfal de outros tempos. Interessa-me essa fidelidade do poeta a si mesmo, esse orgulho de não renunciar à poesia e de se considerar um príncipe do mundo, esse poder de manipular mitos e dar-lhes uma existência, uma densidade social.*²⁴

Bibliografia

1. ANDRADE, Eugénio de. *Encontro e desencontro*. Jornal de Letras, no. 699, julho de 1997.
2. BARRETO, Evaristo José Pereira da Costa, org. *Estrada Larga*. Antologia do Suplemento cultura e arte de o Comércio do Porto.
3. BATISTA, António Alçada. *Da vida como obra de arte*. Revista LER, n°. 26, Primavera, 1994.
4. BOTTO, António Tomás. *Canções*. Lisboa, s.d.
 - _____ (a) *Cartas que me foram devolvidas*.
 - _____ (b) *Adolescente*.
 - _____ (c) *Curiosidades Estéticas*.
 - _____ (d) *Baionetas da morte*.
 - _____ (e) *Olympiadas*.
 - _____ (f) *Toda a vida*.
 - _____ (g) *Pequenas esculturas*.
 - _____ (h) *Ciúme*.
- _____ *Alfama*. Lisboa: Edições Paulo Guedes, 1933.
- _____ *O livro das crianças*. Lisboa: Edição da Livraria Eclética, 1931.
- _____ *Ódio e Amor*. Lisboa: Edições Ática, 1947.
5. MACHADO, Álvaro Manuel, org. *Dicionário de Literatura Portuguesa*. Lisboa: Presença, 1996.

6. MAGALHÃES, Joaquim Manuel. *Um pouco de morte*. Lisboa: Editorial Presença, 1989.
7. MARTINS, Fernando Cabral Martins. *Como quem perde o que alcança*. *Jornal de Letras*, n°. 699, julho de 1997.
8. MEIRELES, Cecília. *Poetas novos de Portugal*. Antônio Botto. Rio de Janeiro: Edições Dois Mundos, 1944.
9. RÉGIO, José. *Palavras de José Régio*. In: *Canções*, Lisboa, s.d.
10. SENA, Jorge de. Antônio Botto. *Estudo de Literatura portuguesa*. Lisboa: Edições 70, 1988.
11. SILVA, Manuela Pereira da. *O amigo Pessoa*. *Jornal de Letras*, n°. 699, julho de 1997.
12. SIMÕES, João Gaspar. *Perspectiva Histórica da Poesia Portuguesa*. Porto: Brasília Editora, 1976.

Notas

- 1 MARTINS, F.C. (1997) p. 12.
- 2 ROUGEMONT, D. (1982) p. 13.
- 3 BOTTO, A. (b), s.d.
- 4 BOTTO, A. (d), s. d.
- 5 BOTTO, A. (e) , s.d.
- 6 MAGALHÃES, J. M. (1989) p. 19.
- 7 BOTTO, A. (a), s.d.
- 8 BOTTO, A . (a), s.d.
- 9 Ibidem.
- 10 BOTTO, A. (f), s.d.
- 11 BOTTO, A. (f), s.d.
- 12 BOTTO, A. (a), s.d.
- 13 BOTTO, A. (b), s.d.
- 14 BOTTO, A. (c), s.d. Veja-se a interessante semelhança com o verso de Manuel Bandeira no poema *Arte de Amar*: “Porque os corpos se entendem, mas as almas não.”
- 15 BOTTO, A. (c) , s.d.
- 16 PESSOA, F. (1976) pp. 353-354.
- 17 BOTTO, A. (b), s.d.
- 18 RÉGIO, J. *Palavras de José Régio*. In: *Canções*, s.d.
- 19 MAGALHÃES, J. M. (1989) p. 17.
- 20 BOTTO, A. (g), s.d.
- 21 BOTTO, A. (h), s.d.
- 22 Aprovado oficialmente nas escolas da Irlanda.
- 23 BOTTO, A. (1998) p. 39.
- 24 ANDRADE, C. D. (1959) p. 6.